

Minha vida de cachorro – O filme: um comentário

Paulo Junqueira*

Na primeira vez em que assisti, pensei: eu não tenho nada para falar sobre este filme! Achei “uma graça”, mas só isso! Não vi uma questão, um conflito, uma proposta. Já comentei alguns outros filmes, e desde a primeira assistida já estava pensando, elaborando, achando que a psicanálise poderia dizer muita coisa sobre aquilo tudo, o enredo, a trama, o desenho dos personagens, os conflitos; a cabeça já fervilhava e teria que escolher algum dos vários enfoques possíveis. Nesse, não me vem nada; o filme é uma graça, mas só isso. Fiquei pensando: por que o Paulo Sérgio e a Neyza escolheram esse filme? Eu gostei bastante, mas não conseguia atinar com a razão, a proposta, o porquê. Fui verificar o tema do ano: é a comemoração dos 100 anos de *Além do princípio do prazer* de Freud. O evento deveria ter acontecido em 2020, mas foi adiado para 2022 por causa da pandemia. OK, já é uma dica. Se eles escolheram esse filme, dentro dessa comemoração, deve ter algo a ver. O que *Minha vida de cachorro* tem a ver com *Além do princípio do prazer*? Eles devem ter tido algum critério, alguma razão para incluir esse filme nesse programa. Mas qual?

Fui pensar nos outros três filmes a que assisti: *Gaslight*, *O perfume*, e *Fale com ela*. Fiquei mais intrigado ainda. Bem, o tema é apenas uma sugestão, nenhum filme vai tratar explicitamente do que Freud fala em seu texto, mas alguma coisa deve haver. Fui reler Freud: além do princípio do prazer estão a pulsão de morte e a compulsão à repetição, temas que só vão se solidificar mais tarde em *O eu e o isso*. É a tal virada dos anos vinte quando ele modifica a teoria pulsional propondo uma nova dualidade e a seguir modifica a própria estrutura do aparelho psíquico. Tudo bem, pulsão de vida versus pulsão de morte e

* Membro psicanalista e Supervisor da Sociedade de Psicanálise da Cidade do Rio de Janeiro (SPCRJ).

algo se repete além do princípio do prazer, algo que está fora, que está no corpo, na fonte pulsional que, segundo Garcia Roza, está fora do aparelho psíquico, portanto além do princípio do prazer que só rege o que o aparelho psíquico captura por representação. Sim, mas e o que o filme tem a ver com isso? O que é pulsão de morte ali, o que é compulsão à repetição? Seria a mãe do garoto? Bem, vamos lá. Ela está muito doente, parece meio deprimida, nervosa, fica lendo o tempo todo, não dá atenção aos filhos. De que mal ela sofre? O marido parece que foi embora e a deixou sozinha para cuidar dos dois meninos. Ela tosse e fica de cama bastante tempo. Por outro lado, ela ri, ri bastante. Ri das histórias que Ingmar tenta contar para ela; ele gosta de vê-la rindo, então conta histórias. Aliás, o garoto é bem curioso: ele fala de histórias que o intrigam, como a da cachorra Laika que foi mandada para o espaço numa viagem sem fim; parece que morreu de fome. Ingmar também pode ser bem nervoso, talvez reflexo da mãe: treme ao segurar o copo de leite, não consegue e se molha todo, faz xixi na cama, de novo, como diz o irmão (repetição?). Ao mesmo tempo ele meio que namora uma garota ali das vizinhanças, e ficam deitados juntos, se abraçando embaixo da ponte do trem. Ela pergunta do pai deles que está carregando bananas no Equador e a mãe tem todo o trabalho com eles. Ela precisa descansar e os meninos vão viajar para lhe dar um descanso, mas a cachorrinha não pode ir, tem que ficar num canil. A cidadezinha, ou vila, onde Ingmar chega, também é uma graça. Os tios são muito acolhedores, engraçados, felizes e um tanto ingênuos. Tudo parece meio ingênuo e alegre, os vários tipos ali da aldeia. Me soa meio Fellini, “*Amacord*”, ou outros filmes dele com os personagens muito característicos das pequenas vilas italianas; mas agora é no interior da Suécia. Ingênuo e alegre. As crianças riem bastante, brincam, lutam, e a vida vai correndo solta. E tem a loura bonitona, com os peitos grandes que despertam a curiosidade do menino e o desejo do tio, e da vila toda. Bem Fellini. E ela, ao mesmo tempo, é doce e amigável. E Ingmar tem conversas de amor com ela! Que gosta muito dele, mas tem um namorado adulto, como não podia deixar de ser. A sexualidade, ou a descoberta dela, percorre o filme todo através da criança. Aliás, tem uma cena muito curiosa do menino mais velho explicando como é a mulher, a garrafa invertida que seria o útero e, para efeito de demonstração, pede a Ingmar que ponha o piruzinho no gargalho e aí não sai mais, fica preso. Depois que uma senhora consegue livrá-lo da garrafa, diz para criança que se fizerem aquilo entre eles, meninos e meninas, vão ficar grudados. Mas é tudo bem leve e engraçado. O senhor acamado também é cheio de uma sensualidade anos 50; ele pede ao garoto que leia anúncios de sutiãs, calcinhas, peças íntimas, e se deleita com

isso, tudo escondido rapidamente da mulher dele por debaixo das cobertas. Uma sensualidade ingênua, podendo incluir as crianças. O escultor e a bonita também são muito curiosos; ele muito sério a respeito da sua arte, de uma escultura sobre a maternidade, muito sublime, e ela, um pouco desconfortável, leva o garoto a tiracolo para se garantir que é tudo muito respeitoso, muito artístico e nada de malandragem. Mas aí, é o garoto que não estava vendo nada da moça nua e resolve subir no telhado para ter um ângulo melhor e de lá despenca por sobre ela. O engraçado é que, no final, vê-se que a escultura que o artista fez não é mais sobre a maternidade, mas retrata o garoto despencando do teto; e o escultor a traz de volta, não aceitaram que ficasse na praça de destino porque era muito sensual, alguma coisa assim. De novo, tudo leve e engraçado. Mas seria só isso? Não.

Talvez a vida e a morte da mãe sejam o lado mais pesado, o além, do princípio do prazer? Ela é muito nervosa, tosse muito, vai morrendo aos poucos, está muito cansada e sozinha. Tem um amigo que a ajuda com os meninos, mas, mesmo assim, ela continua muito doente. Ingmar reflete toda a tensão dessa relação com a mãe, sendo ele por vezes bem nervoso e, de vez em quando, pira e late como um cachorro. Será que algo ronda por trás? Será que por debaixo da leveza ronda um perigo? Bem verdade que a leveza vem misturada com o dramático da mãe. No *Além do princípio do prazer* temos também a famosa brincadeira do *Fort-da* que é uma maneira de a criança lidar com a separação da mãe. Seria por aí?

Se eu fosse escolher um único gancho a partir do qual pudesse olhar todo o filme, talvez a sua proposta, seria a cena em que Ingmar sozinho está chorando naquela cabana de verão e, quando o tio vem consolá-lo. Ele pergunta “por que ela não me quis, por que ela não me quis?” Certamente se referindo à mãe que àquela altura já havia morrido. Por que ela não me quis? O drama seria esse. Um *fort* definitivo, sem um *da*? Apesar de tudo, de todas as histórias que ele lhe conta para fazê-la rir e ficar feliz, a morte falou mais alto, ela “preferiu” morrer, ela quis mais o morrer do que a ele. “Por que ela não me quis?” Seria o marido que a abandonou e que ele, Ingmar, por mais que contasse suas histórias não conseguiu substituir?

Quando eu era pequeno, havia nas redondezas de onde morávamos uma lojinha, espécie de armarinho, e minha mãe, muitas vezes, me mandava lá comprar alguma coisa de que precisava. Eu ia correndo e já era conhecido das duas velhinhas donas da loja, tudo muito coisa de bairro antigo. Ali elas vendiam também umas jainhas, umas bijuterias bem baratinhas, do tipo que se dá em brindes, alguma coisa assim. Eu juntava um dinheirinho que não sei de

onde arrumava e, de vez em quando, comprava um anel, ou um broche e dava de presente para minha mãe. Uma noite, quando meus pais se aprontavam para ir a um jantar mais formal, vi que minha mãe não usava nenhuma das joias que eu havia lhe dado, mas sim, as que meu pai havia comprado. Ali acabou o meu Édipo, e eu entendi tudo. Mas o meu pai estava presente, em carne, osso e autoridade e a minha mãe não morreu de saudade. Nem eu morri, mas que foi duro, foi!

A sexualidade, mesmo ou principalmente das crianças, também percorre o filme todo. A primeira namorada debaixo da ponte e, mais curioso, a menina que jogava futebol e escondia os seios nascentes porque se não, não poderia mais participar do time. Ingmar a ajuda, inclusive a colocar uma faixa para apertar os seios para que eles passassem despercebidos. E ela com dificuldades em se tornar mulher; depois de umas férias os seios cresceram ainda mais. Fosse hoje em dia, iria se conjecturar sobre a questão trans, sendo que a faixa é muito usada nessas situações, mas ali tudo fica por conta do lúdico, do crescimento, das fases da vida, sem grandes problematizações, como pode muito bem ocorrer. Na evolução do filme e dela, a menina/menino vai se adaptando e acaba por se encaixar nas propostas sociais do papel de menina. Ela e uma outra parecem bem interessadas em Ingmar, e até brigam por ele na festinha de aniversário.

Estou me lembrando das vasilhas com seios que são feitas na fábrica de vidros, acho que são jarras de leite que são usadas pelo tio do menino em alguma cena, e um senhor ali na fábrica protesta, reclama, parece que acha um desrespeito aquelas vasilhas, que aquilo não pode de jeito nenhum. Mais uma vez o leite e os seios! E o leite que Ingmar não consegue beber porque se treme todo. Um seio incerto? Muita coisa gira em torno da maternidade, do amor de mãe, da paixão pela mãe, e da sensualidade, assim como a escultura que era para ser sobre o sublime do materno e acaba virando a curiosidade sexual do garoto. Queria ver os peitos da moça e não os seios maternais cheios de leite.

Outros personagens e situações. Os turcos que vieram morar na casa dos tios que, na verdade, pertence à vidraçaria. O homem que se atira no lago gelado, quase morre, e tem que ser aquecido na fornalha. O outro que do começo ao fim conserta o telhado para ódio do velho moribundo que daria um tiro nele; o garoto que vai dormir na casa da senhora que ficou viúva e vão fazer companhia um para o outro. O futebol na cidadezinha que mobiliza a torcida de todos, a “tirolesa” que uma hora funciona, outra não, e joga todos na lama, para grande diversão dos demais. A cachorrinha do garoto que acaba por morrer também e o tio tem grande dificuldade em lhe contar. Que sentido têm? Os

turcos que vão ver a luta de boxe do único campeão sueco, que sentido têm? Talvez tudo seja para mostrar o bucólico e o simples da vida que corre em uma pequena aldeia. É para ter sentido? Precisa ter sentido? Quer dizer alguma coisa além do que diz?

Na dúvida, resolvi fazer uma coisa diferente: pedi a três pessoas não psicanalistas que assistissem ao filme e me dessem suas impressões, como que numa brincadeira, só para ver o que sairia dali. Uma delas, é a espectadora leiga, vamos chamar assim, alguém que apenas gosta de cinema; a outra, uma diretora, com curso de cinema em Nova York e alguns filmes que ainda não estão no circuito comercial, mas premiados em alguns festivais internacionais; e a terceira, alguém que entende quase tudo de história do cinema, dos diretores, das produções, dos atores, de que outros filmes fizeram etc.

A leiga achou que apesar da morte da mãe, o filme tem uma leveza, episódios curtos e variados, rápidos, alegres e tristes, e essa rapidez dá uma ideia do fluxo da vida acontecendo, e a morte da mãe incluída neste fluxo: a permanência, a mudança, faz parte (ela, a leiga, é meditadora numa linha budista, penso eu). Outra coisa curiosa na visão dela seria a liberdade das crianças, tendo uma vida social infantil intensa, que a lembrou da sua própria infância, quando lia as revistas da Luluzinha e do Bolinha e achava o máximo que eles tinham uma liberdade, andavam sozinhos pela cidade, pelos bosques, que era assim uma vida social das crianças independente dos adultos, e esse filme tem isso! Achou muito legal e lembrou da própria infância. Outra coisa: o coletivo da cidadezinha, as pessoas tinham uma pureza, uma ingenuidade, que vinha do coletivo, da participação de cada um na vida dos outros e que atualmente talvez isso tenha se perdido, um senso do coletivo, uma participação mais ingênua das pessoas, alegre. O coletivo era muito forte e as pessoas participavam da vida uns dos outros. Não entendeu por que o título *Minha vida de cachorro* embora tenha a cachorrinha dele e a Laika, que foi mandada para o espaço, para morrer. A cachorrinha morreu também. Mas qual a ligação? Ela se lembra da Laika quando era pequena, e que achou aquilo uma maldade, mas não viu a correlação do título. Gostou muito do menino, achou “um baratinho”. Enfim, o fluxo da vida. Depois, me disse que acha que entendeu o título: tanto a Laika como a cachorrinha dele não tinham o menor controle sobre suas vidas e, talvez, seja isso: ele também não tinha nenhum controle, ia de um lado para o outro, para o “canil” dele, ao sabor dos imprevistos: minha vida de cachorro.

Já a diretora de cinema disse o seguinte: assistiu ao filme de madrugada; vai falar sobre as suas emoções; para ela, todo filme, todo tipo de arte, é o que

fica para ela, o que a emociona, o que sente. Achou a música de abertura chata, enjoada e quase não viu mais o filme, mas resolveu dar uma chance: colocou em língua original com legendas, claro, porque detesta dublagem, porque perde totalmente a identidade, a boca não combina com o que eles falam; bem, vamos, então, às sensações: o menino a tocou de tristeza num primeiro olhar; achou o filme profundamente triste, talvez porque a lembre não exatamente da própria infância, mas das fantasias de infância; a primeira frase das estrelas e que ele fala sobre a Laika com tempo marcado para morrer, eles já sabiam, eles mandaram uma pessoa (!) para o cadafalso, para uma morte, mas, pensando bem a gente já nasce com uma hora marcada, com prazo de validade, não sabe se a intenção era essa, mas ela acha que aquilo era mais uma conclusão do que um começo, sentiu aquilo deslocado (a história da Laika), é como se ele tivesse entregue na primeira cena a essência do filme. “Filme meu, não faria isso, deixaria mais para o final, ia dando o gostinho, gostinho...” de repente, aquilo é um pensamento (o tempo marcado para morrer) que ele repete uma ou duas vezes e que ela acha que atrapalha um pouco a história da relação dele, do menino, com aquela cachorrinha “fofa, meio caindo aos pedaços”, e que de repente sumiu, mas que se supõe que é morta. “É um filme que eu nunca veria de novo porque ele me deixou muito triste”. Achou os atores ótimos e o filme, como falou antes, de uma tristeza infinita. Achou muito bonita e bastante lúdica a relação do irmão da mãe dele (o tio), com ele... muito espontânea, sem planejamento, sem segunda intenção, e acha que essa relação foi a que tocou mais, essa relação com esse segundo pai que, pelo jeito ele não teve o primeiro, seria o contrário de um homem que manda o cachorro ou um ser vivo com tempo marcado para morrer na lua, é como se fosse o contraponto disso. Muito lindo aquela casa que ele fez, como se fosse a casa de boneca que tem... no terreno do vizinho, nem é no dele, é importante isso, porque a mulher dele não deixou, é como se ele pudesse ter aquele espaço, fora do espaço dele, e achou interessante, mas não necessária, a relação com a menina que parecia um menino com o peitinho que estava crescendo e que ele acaba abraçado nela, mais porque ela precisava descobrir a sexualidade nele, assim, achou um pouco estranha; a única pessoa que ela viu ele amando foi a memória da mãe, não é nem a mãe, que ele teve muito pouco dela saudável, e aquele irmão dele era uma peste de ruim, então as relações de amor no filme são dele com o cachorro, dele com esse tio e ele sempre arranjando uma desculpa, é o garoto do copo cheio, não do copo vazio, procurando desculpar a vida por ser tão dura e tão cruel e por ele ter sofrido tanto. É um filme ok, não considera um grande filme, nem um ótimo filme, mas para a época, acha que é um filme bem feito.

Aquele que “entende tudo de história do cinema”, disse o seguinte: Pequenas considerações a respeito do realizador sueco. Atualmente com 76 anos (nascido em 1946), o diretor iniciou sua carreira dirigindo praticamente todos os vídeos (Clips) musicais do grupo sueco Abba.

Em 1985 conquista renome internacional ao dirigir *Minha vida de cachorro* aos 39 anos. Sua obra foi indicada a prêmios internacionais (nomeada ao Oscar de melhor filme estrangeiro). Muito bem conduzido relata as agruras de um menino que vivencia dificuldades com circunstâncias desfavoráveis (doença materna e posterior orfandade). A despeito de tudo, há uma certa leveza no desenrolar da narrativa. O sucesso internacional do realizador lhe abriu as portas da indústria cinematográfica nos USA, onde em 1993 realiza *Gilbert Grape* com Leonardo di Caprio e Johnny Depp com novas repercussões positivas. Podemos destacar também, em 1999, o filme *Regras da Vida*, novo sucesso. Podemos citar ainda os filmes *Chocolate* e *Sempre ao seu lado* que gira em torno da fidelidade canina, história real e muito apreciada pelos japoneses. Em suma sua temática é delicada e construída nas inter-relações afetivas, sempre espelhando sua simpatia pelos personagens.

Bem, estas foram as apreciações dos meus três amigos. Pensei um pouco que cada um vê de um jeito, naturalmente; três de nós lembramos de nossas próprias infâncias e os depoimentos, às vezes, parecem com aqueles testes projetivos, a gente se reflete ali.

Outra coisa: talvez a leveza, ou melhor, a ingenuidade apontada por todos me fez pensar se o cineasta não conta a história a partir da ótica do menino, que aliás começa narrando a história. Não é um filme sobre a infância, mas uma visão do mundo pelo olhar das crianças. O meu também.

Enfim, era o que eu tinha para dizer.

Novembro de 2022

Paulo Junqueira
paulocnjunqueira@globo.com
Rio de Janeiro - RJ - Brasil